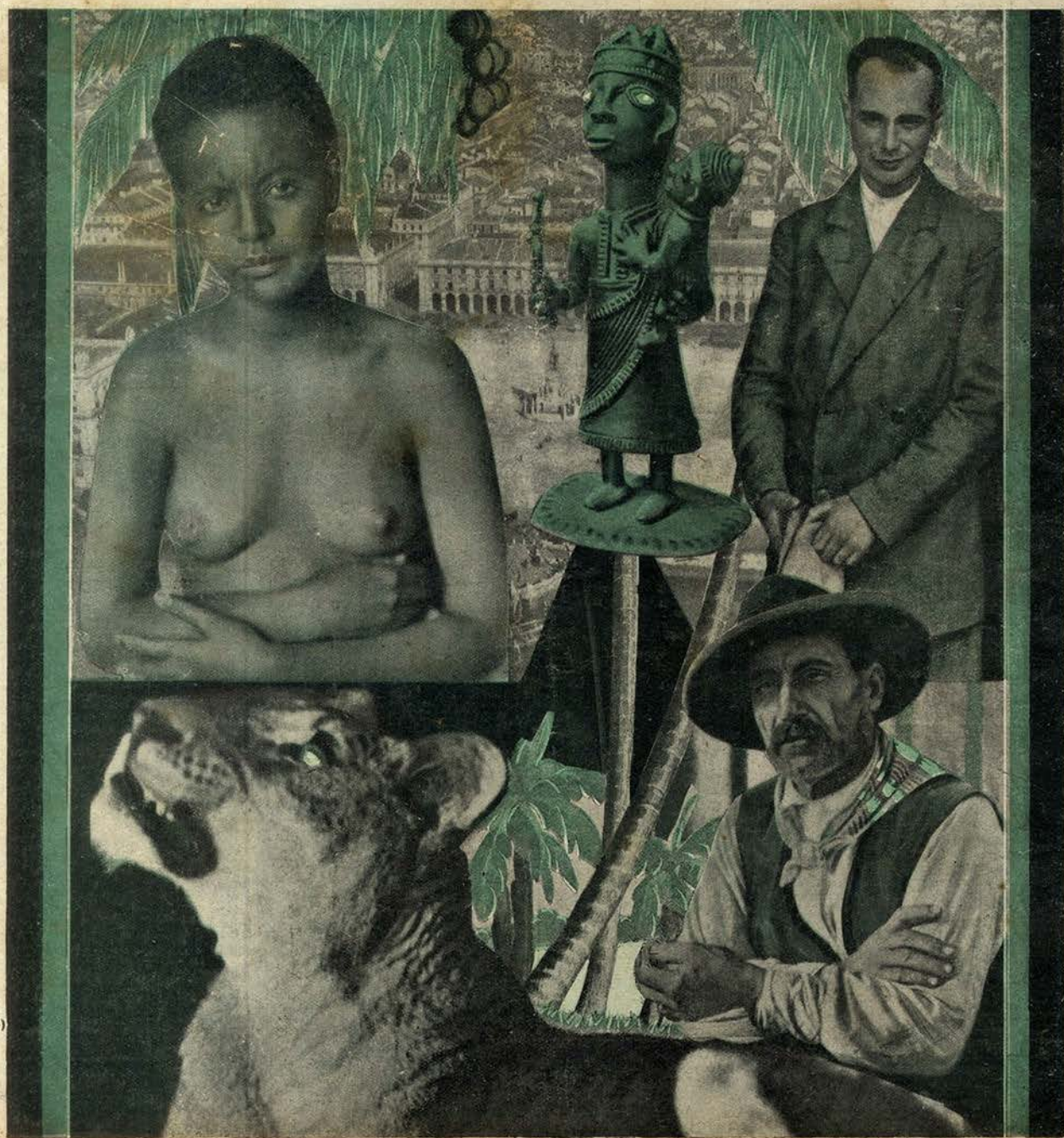


Ano II—N.º 67
14 de Novembro de 1931
Preço 1 Esc.

reporter.

Semanário das grandes reportagens



reporter



O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica de todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Electr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado



Um aspecto da Tabacaria Silva, de Coimbra

em Lisboa, se abria o
Envelope Kolosso com
as posições da esquadra
do *Reporter X*. A outra
gravura é referente à
mesma cerimónia, quan-
do da abertura do *En-
velope Kolosso* na Tabacaria Silva, de Coimbra.
O êxito do nosso concurso fica assim marca-
do inofismavelmente
duma forma clara.

O êxito do nosso concurso

As gravuras que adiante
publicamos são a de-
monstração gráfica do
êxito obtido pelo nosso
concurso. A gravura de
cima mostra a multidão
ansiosa, no momento
em que, na Tabacaria do
Café Chave de Ouro,



Um aspecto da multidão na «Chave de Ouro»

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispoendo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**.
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

CYMA

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

A B C - Z I N H O

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem lêr o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

«Malucos», «maluquices» e os «homens de juízo»

TIVE sempre um paradoxal alvoroço pelos indivíduos malucos... Não me esquivo, não troço, não me assusto ou encolho ombros ou os expulso da minha mesa, do meu espírito ou do meu coração. Pelo contrário: dilato a pupila, aguço o ouvido, acerco-me mais ainda do indivíduo que esse index, cortopurificante, estigmatizou. É que essa acusação, tão leviana e caluniosa como frequente, em vez de me alarmar em pânico, alerta-me em curiosidade; em vez de significar «deficiência», «desarranjo», «perigo», «esterilidade», «caricatura», corresponde, no sentido fraterno dum sinónimo, a «exuberância», «clarividência», «predestino», «luz», «ensinamento», «sacrifício doloroso», «luz astral»... Quem são os etiquetados pelo rótulo de malucos? Os que se sobresaem, que se salientam, não por pedanteria, snobismo ou basófia, mas espontânea, irreflectida, intuitiva exuberância do seu pensamento ou sensibilidade, porque, se não fôsse espontânea e irreflectida, adaptariam palavras e gestos ao maneirismo das convenções e evitariam que os chacoteassem.

Só o maluco tem a coragem de afrontar o lugar-comum; só a maluquice destrói o mesmo lugar-comum. Ora o lugar-comum é a fronteira do que está feito e do que falta fazer, do que está dito e falta dizer, do que está consentido e deve ser proibido, do que está no index, como a maluquice, e deve ser liberto, aplaudido, premiado, como sucede também aos malucos! Ora o que se tem feito, dito, pensado, consentido ou proibido—garantem-no a vida, a experiência, as lágrimas, as angústias, as dores, as misérias da Humanidade—, ou está errado ou imperfeito, injusto ou cruel, estúpido ou atrasado. Portanto a obra, a ideia, o esboço, o conselho do maluco, sendo novo, inédito, disparatado, maluquice, tem logo de início a vantagem de ser diferente e todas as probabilidades de ser profíquo, mais perfeito, melhor em suma. E mais ainda: o maluco, além de corajoso, porque tem o heroísmo de desprezar, de combater, de afrontar, de destruir, de renovar, de criar, é generoso e bom, porque arrisca a sua reputação, o seu bem-estar, a própria vida, sem outro brinde do que o da ventura alheia...

...Provas? Qual é o vosso credo ou idolatria? Quem é o vosso Mestre, o vosso Deus divino ou... cívico? Mahomet ou

Buddha? Karl Marx ou Leon Daudet? Lenine ou o viscondezinho de Ameal, do «Notícias»? Mussolini ou Erstein? Victor Hugo ou Cristo? Para todos possuo um gráfico eloquente... Cristo? Qual era o «lugar-comum» que o cercava? Que elite convencional dominava então? Os dogmas da velha Bíblia, o paganismo da Roma triunfante e os «novos-ricos»... Como foi, que uns e outros, judeus e romanos, apodaram, ultrajaram, difamaram o doce Nazareno que pregava ideias generosas, fraternais, perfeitas, novas, diferentes? De maluco e perigoso a Jesus; de disparates e perigosas as suas palavras! Como é apreciada a audácia, cruel e por vezes ignominiosa, mas sempre brilhantíssima e inteligente, do neomonarquismo panfletário do bastardo infelizmente legítimo do autor da «Sapho»? De maluco e de maluquices os seus panfletos. E quem lhe chama esses nomes? Os caturras com o espírito em cinzas, os próprios monárquicos descaçados, os irracionais da mesma ideia...

Busquei, lealmente, para a figuração destes exemplos, os ídolos máximos do lugar-comum, um pela alma e inteligência divinas, outro pelo talento e pelo vigor políticos... Mas multipliquei a teoria por todos os malucos ao nosso alcance, desde o mais longínquo e teórico—Sócrates ou Salomão—ao mais oportuno, o matemático Stela, que foi apedrejado em Berlim e em riscos de ser internado num manicómio porque, sem ser político, usando apenas da sua ciência «disparatada» mas... «exacta» dos seus algarismos «monótonos», mas luminosos e do seu instinto «alucinado», mas vidente, e que provou, por 2+2, que se a Alemanha continua resvalando pelo looping do nacionalismo bélico será destruída pelo resto da Humanidade e pelos próprios alemães antípodos a essa política, como se incendia um foco infeccioso, e, para terminar, ao próximo, aquele vosso conhecido a quem todos achincalhavam quando profetizava factos fora da vossa órbita visual e nos fala numa linguagem que só se assemelha à dos imbecis pela igualdade de metragem que separa os imbecis dos ajuizados (ficando os autênticos e verdadeiros imbecis no meio, os ajuizados à sua mão direita

e esse vizinho maluco à sua mão esquerda, ou vice-versa...)

* * *

Os malucos deste género existiram sempre, em todas as épocas e sacrificados, martirizados em vida, para que, depois, demasiado tarde, a uma distância de tempo que corresponde à que, em espírito, vai do lugar-comum «criterioso» e «ponderado» à maluquice, ou seja—à Verdade! E quando o tempo, esse vagaroso carro de boias, conduz os homens de juízo à prova real e eloquente do seu próprio erro, desprezando as salutarens lições dos malucos, já estes desapareceram pelo alcapão da ignomínia e é tarde para se lhes prestar justiça.

Não temos a pretensão de pensar que todas estas ideias em defesa dos malucos—inspiradas, possivelmente, por um espírito de «classe» pela voz do sangue—sejam inéditas em absoluto... Novas ou velhas são «nossas» e acudiram-nos ao ler, pela primeira vez, organizadas em volume, o «Amusement Periodique». Quem é o seu autor? Um português, soldado quasi raso da nobreza, chamado Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido pelo Cavaleiro de Oliveira, e o maluco mais genial, mais generoso e profundo e torturado pelos ajuizados do século XVIII em que nasceu, viveu e expirou. Que admirável exemplo de maluquice a vida e a obra d'esse homem! E contudo, quem fala, quem conhece, quem discute, quem presta justa homenagem ao seu martírio e ao seu valor? Pouquíssimos... E porquê? Porque, ainda hoje, quasi duzentos anos volvidos, se mantém, blindado, à sua volta, o esquecimento isolador em que é costume enjaular os «malucos furiosos», porque mesmo entre malucos existem classes, categorias: os mansos, resignados, dóceis, que são tratados com desprezo, sim, mas sem irritação; e os indisciplinados, os teimosos, os activos, enérgicos, inquietos, que passam à ma-

(Conclue na pag. 15)



O marido (olhando para o barco): — Gostava de saber o nome daquê calhambeque.

A mulher (olhando para a velha que passa): — Fala baixo! Ela pode ouvir-te e ofender-se...

O FORMIDÁVEL ÊXITO DOS NOSSOS CONCURSOS KOLOSSOS

A primeira grande «Batalha Naval» do «Reporter X» foi a Trafalgar dos concursos — A segunda grande «Batalha Naval» fez esgotar todas as edições sucessivas que o nosso semanário imprimiu

Muitos milhares de concorrentes na primeira — Cerca de **50.000** exemplares vendidos na segunda semana em Lisboa, Porto, Coimbra e toda a província

QUEM SERÃO OS FELIZARDOS DO 3.º COMBATE?

Reportagem do resultado da primeira batalha

UM dos mais voluptuosos prazeres que podemos disfrutar é o de vermos os nossos esforços recompensados, e sobretudo... compreendidos. Os concursos KOLOSSOS do «Reporter X» significam algo de inédito, de emocionante, de sensacional no nosso meio. Na própria imprensa inglesa, onde todos os jornais criam constantemente destas *feeries* de papel lino-tipado, destes *matchs* quasi marcónicos, nunca surgiu um concurso que soubesse dar a um «gosto» epidémico do público uma aplicação tão oportuna, tão brilhante e tão fácil e popular ao mesmo tempo. As «Batalhas Navais» eram uma distracção frívola dos serões e dos «cafés», e passou a ser *uma paixão* em todo o país. Do norte ao sul, não se fala, não se discute, não se pensa noutra coisa. Os nossos redactores do Porto e Coimbra e os nossos correspondentes das grandes cidades e pequenas vilas da província telegrafam-nos com entusiasmo anunciando-nos o êxito obtido nos locais que são do seu domínio. O resultado da primeira batalha comoveu-nos, pela confiança que ao público merece este honrado jornal, tão combatido pelos que... não gostam de luz, mas tão nobre nas suas intenções e tão leal aos seus leitores.

Veio o juízo da primeira batalha; foram distri-

buidos os prémios prometidos, em Lisboa, Porto, Coimbra e província, e o entusiasmo atingiu o rubro. Aumentando extraordinariamente a tiragem, mesmo assim não conseguimos atender aos pedidos que nos eram dirigidos de toda a parte e com impaciência dos vendedores das ruas, êsses simpáticos *ardinas*, antenas vivas de todos os êxitos jornalísticos, que enchiam as nossas casas de venda, gritando, nervosos: «Queremos mais «X X»! Hoje é à bicha!»; das nossas delegações das cidades e dos nossos agencas da província, que nos telegrafavam: «Mandem com urgência mais mil, mais dois mil exemplares.»

Sexta-feira passada, coagulou-se uma enorme multidão frente à montra da importante «Tabacaria do Café Chave de Ouro», no passeio ocidental do Rossio, onde estão expostas as folhas autógrafas dos que, entre muitos milhares de concorrentes lisboetas, alcançaram a vitória e o mapa quadrículado com a decifração da primeira batalha e o envelope lacrado da segunda batalha — a batalha desta semana.

Produziram-se várias manifestações de entusiasmo popular, que se repetiram no Porto e em

Coimbra, ovacionando o nome do «Reporter X» e os felizardos que receberam os prémios.

O primeiro prémio de Lisboa — 500 escudos — constituiu um episódio emocionante. O sr. Raul Marques, ex-aluno da Casa Pia que terminou há pouco o seu curso, é orfão de pai, e sua mãe, uma santa sacrificada pelo amor pelo filho, vive, modestissimamente, do fruto do seu trabalho. O sr. Raul Marques busca, há meses, uma colocação que lhe garanta o futuro, a tranqüillidade do lar e o repouso da mãe. Na sexta-feira passada, quando acabava de obter um emprêgo que o alegrou numa esperança de felicidade e atravessava o Rossio, foi atraído pelo ajuntamento que se fixava frente a uma montra. Acercou-se, espreitou, e qual não foi a sua emoção ao ver que o primeiro prémio do primeiro concurso do «Reporter X»... lhe estava destinado. Correu à nossa redacção e quando se certificou de que não havia equívoco e que lhe entregavam imediatamente os quinhentos escudos ganhos, as lágrimas humedeceram-lhe os olhos e exclamou: «É este o dia mais feliz da minha vida. Emprêgo e um prémio inesperado de 500 escudos! Que alegria para a minha mãezinha!»

Veremos quem são os felizardos das segunda e terceira batalha naval...

SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE COMNOSCO!

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave de Ouro», no Rossio; na «Havaneza do Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; «Castela, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 9b; na «Havaneza do Almirante», Rua José Falcão, 41-43; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como êste:

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

Dentro d'êste retângulo oculto no envelope, em posição horizontal ou vertical e separados uns dos outros, o Reporter X colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

- 1 navio almirante de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.
- 2 cruzadores de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.
- 3 «destroyers» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.
- 4 submarinos, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	•			•		•			•	•
2		•								•
3					•	•				•
4		•					•			•
5		•		•				•	•	•
6	•				•					•
7			•					•	•	•
8			•					•	•	•
9	•				•					•
10	•									•

Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na

«Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às **19 horas da quarta-feira seguinte**, na Administração do Reporter X, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de fôrma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$25 centavos a-fim-de lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteados as posições da nossa *esquadra*, e o Reporter X dêsse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado dêsse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

(Ver prémios e «Folha de Combate» na pag. 16)



Raul Marques
R. da Lapa, 118-Lisboa
(Prémio de 500\$00)



Alberto Paulino
R. de Santa Catarina, 481-Porto
(Prémio de 500\$00)



António Júlio Gonçalves
R. António Augusto Santos-Coimbra
(Prémio de 500\$00)



A. Alberto Machado
R. Antero do Quintal, 26-Coimbra
(Prémio de 200\$00)



Joaquim Genim
R. de S. Paulo, 146, 4.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



Mariano A. Tammagnini Barbosa
R. do Salitre, 167 1.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



António da Silva Júnior
Largo das Ameias, 10 1.º-Coimbra
(Prémio extra-concurso: 20\$00)



Fernando Louro Ferreira
Av. João Crisóstomo, 134, 4.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



José dos Santos Pereira Costa
R. Capitão Nobre, 112-Olhão
(Prémio de 50\$00)



Manuel Bernardino de Almeida
Avenida Todi, 94 -Setúbal
(Prémio de 50\$00)



Américo Assunção
R. da Fonte, 56 -Figueira da Foz 200\$00
(Prémio de 200\$00)



Manuel Rodrigues
Rua da Bica de Duarte Belo, 118, 1.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



António Rodrigues Silveira
R. dos Anjos, 21 -Coimbra
(Prémio de 100\$00)



Eugénio S. Silva
T. de Santa Quitéria, 76, 2.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



Luiz Figueiredo
Rua do Poço das Patas, 101-Porto
(Prémio de 200\$00)



Hugo de Moura Eloy
R. Ferreira Borges, 160-Coimbra
(Prémio extra-concurso: 20\$00)



Maximino Albino Fernandes
R. dos Fanqueiros, 303, 2.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



Júlio Baptista Rodrigues
R. D. Carlos Mascarenhas, 96, 1.º-Lisboa
(Prémio de 50\$00)



Henrique Dória
Santo Amaro de Oeiras
(Prémio de 200\$00)



À lado: — Alguns dos concorrentes recebendo os prémios na nossa redacção.

AINDA O ARQUIVO DESAPARECIDO DO "INTELLIGENCE SERVICE" EM LISBOA

As proezas extraordinárias dum marinheiro português, durante a Grande Guerra

N.º 29 do *Reporter X*, ao tratarmos da queima do arquivo da delegação portuguesa do *Intelligence Service* e da espionagem em Portugal durante a Grande Guerra, fizemos um índice de alguns assuntos a tratar, que merece cada um deles uma reportagem, todas interessantes por um duplo aspecto: porque são assuntos que, ao tornarem-se conhecidos, explicarão muitos factos misteriosos da nossa vida social contemporânea, tais como greves, tumultos, crimes, incêndios e até revoluções, e porque para a grande maioria são ainda revelações completamente inéditas, que alguns «espíritos fortes» julgarão como fantasiosas...

Nessa lista então publicada, alguns capítulos faltarão, como o da tentativa de envenenamento na Escola Militar e as aventuras extraordinárias do «Artur da Velha», figura lendária de velho lobo do mar para quem o medo nunca existiu, nem como figura de retórica...

Mas — perguntará o leitor — que fez o cabo marinheiro para que justifique este artigo enquadrado na reportagem da espionagem alemã? Foi o marinheiro mais destemido que comandou barcos em Portugal, que, apesar dos cruzadores, das minas, dos submarinos e dos aeroplanos, nunca alterou a sua rota normalmente seguida, desprezou sempre ser comboiado por barcos de guerra, foi sempre insubmisso e audaz, generoso e verdadeiro, irmão dos seus companheiros e camaradas de luta contra os homens e contra os elementos. Naturalmente que a sua constante rebeldia lhe podia trazer dissabores, e os traria a outro homem que não fosse como ele. A sua insubmissão perante as ordens do almirante inglês, a desobediência constante às determinações das autoridades marítimas da França e o seu quasi desconhecimento das precauções que os barcos eram obrigados a usar durante a Guerra levaram as autoridades marítimas da França a instaurar-lhe três conselhos de guerra, a que sempre se recusou comparecer.

Um dia estava o «Artur da Velha» fundeado com o seu barco em Marselha quando recebeu a visita dum almirante que lhe ia notificar a existência dos três processos e convidá-lo... a que o acompanhasse à prisão, de onde só sairia para responder. «Artur da Velha» considerou o seu delicto e viu que era um contrasenso ser castigado... por não ter medo! Então resolveu o caso facilmente, mais uma vez mostrando que não tinha medo. Num ápice o barco desatracou e, já ao largo, o almirante foi convidado a desembarcar. Como não descesse rapidamente, já não encontrou portão e teve que o fazer por um cabo, ao longo do costado, mas com tão pouca felicidade que tomou um banho forçado.

Vejam os leitores o ridículo da situação: o velho almirante, de espada e dragões, com a longa barba a flutuar, e, em cima, na tolda, os marujos portugueses a rirem-se à gargalhada.

DOIS SUBMARINOS AFUNDADOS SEM O EMPREGO DA ARTELHARIA

«Artur da Velha» comandou o *Amarante*, que, como outros vapores, andava artelhado com um canhão de 7,5. Antigo barco alemão, foi dos poucos que escapou aos torpedos, tendo sido vítima dum perseguição feroz. Mas essa perseguição nunca aborreceu o simpático capitão, que até lhe achava graça. Nunca o canhão do *Amarante*

deu um tiro, e contudo afundou dois submarinos. — Tiros, para quê?! — perguntava o «Artur da Velha». — O meu processo é mais rápido...

E de facto era. Mal se ouvia o grito de submarino à vista dava toda a força de vapor nas caldeiras e avançava contra o inimigo, que ou ficava despedaçado ou fugia perante o impeto invulgar do contrário. E duas vezes a sua acção deu o resultado desejado. Marcha a toda a força, um choque, umas bolhas à flor da água, uma mancha larga de óleo... — e um submarino alemão que deixava de existir...

Assim «Artur da Velha» abateu — é o termo — dois monstros inimigos, o que lhe valeu a «Victoria Cross», dada pelo governo inglês, a «Legião de Honra», oferta do governo francês, e a «Torre e Espada» e a «Cruz de Guerra», condecorações portuguesas.

CABEÇA A PRÉMIO!

Mas esta acção do marinheiro português não

podia agradar aos alemães, e à sua volta desenvolveu-se a teia enorme dos tentáculos da espionagem. Quando o *Amarante* deixava o Tejo ou Leixões, abandonava Marselha, Vigo ou Anvers, logo dezenas de telegramas em cifra cruzavam os espaços anunciando a partida do vapor fantasma.

Um dia, quasi no fim da guerra, em resposta a um destes telegramas, já quando «Artur da Velha» estava assinalado nos então secretos livros da contra-espionagem, outro telegrama cruzou os espaços: «Serão dados 30.000 marcos a quem aprisionar o capitão do *Amarante*».

Foi avisado o «Artur da Velha», e encolheu os ombros. A vida é dos fortes e tinha a certeza de sempre poder conduzir o seu barco a porto de salvamento. E assim foi, apesar das ameaças alemãs. O «Artur da Velha» é ainda hoje, felizmente, uma das mais nobres figuras dessa lendária série de velhos lobos de mar que honram o país a que pertencem e dignificam as profissões que exercem.

«Intelligence Service» e suas ilhas misteriosas do Atlântico

DECLARAÇÕES SENSACIONAIS DO ALMIRANTE DORRY QUE PARECEM REFERIR-SE AOS AÇORES.

O vice-almirante Dorry, um dos mais jovens de Inglaterra, valia, só pelo romance da sua vida, uma bela e emocionante reportagem. Mas é outra a causa da sua oportunidade jornalística. O vice-almirante Dorry deu uma entrevista a um *reporter*



da *United News Press* de Londres — e as suas declarações, tão arrojadas como graves, desencadearam uma verdadeira tempestade. Entre outras, eis as mais notáveis: «Ao contrário de muitos colegas meus, que o ocultam, afirmo que pertenci, durante vinte anos, aos serviços secretos do *Intelligence*

Service e afirmo também que os abandono irrevogavelmente, porque os considero, na actualidade, impróprios não só de um oficial digno como também de um homem honrado. Desde que, há quinze anos, descortinei um pouco os mistérios daqueles bastidores sinistros que eu comeci a suspeitar da sua obra — mas só agora vi tudo, compreendi tudo. E como, em vez de melhorarem, pioravam todos os dias, desliguei-me.

«O I. S. possui hoje um poder superior ao do próprio Estado, visto que desobedece aos ministros e ao próprio rei — para só agir como apetece aos seus chefes. Quere V. saber alguns dos planos que, se não estão em vésperas de execução, já foram ventilados? A revolução, com carácter comunista, no Egipto, fomentada pelos agentes da I. S. com o objectivo de destronarem o rei e transformarem a nação numa colónia; a insubordinação das tribus da Mesopotâmia, para criarem uma constante inflamação na Asia Menor, que obrigue a França a aceitar a politica inglesa; o regresso de Mustapha ao trono de Afeganistan, para provocar novas rebeliões e poderem, na continuação, ceitar todos os elementos avançados e anglófilos do país; provocar, num arquipélago estrangeiro do Atlântico, uma acção fantásticamente nacionalista, para que os agentes provocadores, auxiliando-a, lhe facilitem a independência, oferecendo-se assim, aos ingleses, uma admirável base naval e evitando que os americanos a estabeleçam... etc.»

O grito é nosso porque até parece que o almirante Dorry se refere aos Açores. Felizmente, o governo inglês declarou que ia dissolver o *Intelligence Service*...

Aventuras dum artista português no estrangeiro

Alves da Silva conta-nos alguns casos inéditos da sua peregrinação pelos teatros líricos de Itália

HÁ uma coisa que em Portugal iguala os artistas de qualquer género de arte aos jogadores da bola: o desejo de ir ao estrangeiro. Ser internacional! Ter fama que passe ao estrangeiro! Conhecer a glória onde ela... é glória... É isto, este pouco que é tudo, a suprema aspiração dos nossos artistas, quer eles sejam escritores ou actores, jornalistas ou desenhadores, cultores do verso, da prosa, do pincel ou do lápis.

Esta glória teve-a Alves da Silva, que, se como artista desejava ir ao estrangeiro, como cantor tinha imposto a si mesmo, como triunfo máximo da carreira, uma visita à Itália, o lendário país dos ciúmes e dos trovadores, pátria do *bel-canto*. E foi — e venceu. Se em Lisboa tinha sido acolhido pelas plateias com palmas discretas, em Itália conheceu o triunfo, foi vitorioso e levado aos ombros pela massa dos espectadores entusiasmados, teve as mais favoráveis críticas. Numa palavra — venceu onde tantos e tantos, de tão diferentes países, tinham sucumbido.

Dessa vagabundagem por Itália, em luta constante com a glória, que por fim se lhe entregou de braços abertos, rendida, ficaram a Alves da Silva as melhores recordações da sua vida. São alguns episódios dessa época que o maior tenor português hoje vai contar aos leitores do *Reporter X*, não no tom enfático de entrevista, porque Alves da Silva, pelo mesmo motivo porque nunca se fotografou em cena, também não concede entrevistas. Mas melhor. A indiscreção do jornalista terá assim maior sabor de guloseima.

O Teatro Comunal da cidade de Luca — diz Alves da Silva — era conhecido por ser aquele que tinha a plateia mais exigente, e isso justificava-se! Era o teatro onde Puccini, o célebre maestro, estreada as suas obras. Alves da Silva debutou e, naturalmente, agradou.

E conta o distinto tenor: «Cantei a *Manon* em três récitas seguidas, e na última levaram-me em triunfo, andei aos ombros dos espectadores, e no quarto dia dispunha-me a partir por ter terminado o contrato, quando me vêm pedir para cantar a



Alves da Silva

Bohème. Fi-lo sem ensaios prévios, e — disseram os críticos — de tal modo que substituí com vantagem o célebre Bernardo Bermudez.»

QUANTO CUSTA UMA ESTREIA...

Outro episódio, agora de outro aspecto: — Uma vez, depois de ter também cantado três récitas, dizem-me que tenho que substituir um cantor que adoecera. Mas em que condições?... Na véspera, eu cantara e, como na Itália todos os estabelecimentos que podem vender comida fecham à meia noite, tive que me deitar sem ter jantado. Recusei-me a cantar naquela *matinée*, pois que o que me apeteia era comer, mas obrigaram-me a sair da cama directamente para o ensaio, sob risco grave de o empresário perder tudo quanto ganhara até aí. Acabado o ensaio começou o espectáculo e contrascenei com uma artista americana que nunca vira, o que, junto à fome que tinha, ainda mais aumentava a gravidade da situação. Mas, pela minha parte, sem modéstia, a coisa não foi mal. Mas ela não sabia o papel, não sabia cantar. Só o que fazia era suar por todos os poros. Quando eu acabava de cantar ouviam-se palmas, enquanto ela ouvia apupos, assobios e lhe atiravam com pequenas moedas, o modo mais desprezível que os italianos encontraram para desautorizar um artista. Indignei-me. Quis saber do empresário a que obedecia aquela tourada; que outra coisa não tinha sido o espectáculo, e então tive uma explicação que me convenceu.

E Alves da Silva conta, num belo remate para o episódio:

— A madama americana tinha pago 40.000 liras (perto de 50 contos) para debutar e fazer aquele lindo espectáculo...

Sempre em busca da glória. Mais uma artista que procurara Itália e o triunfo, e só achou a primeira e... um fracasso.

APLAUSOS DELIRANTES... POR MIL LIRAS!

Outra vez, em Roma, mal Alves da Silva acabara de chegar, aproxima-se dele um cavalheiro e diz-lhe:

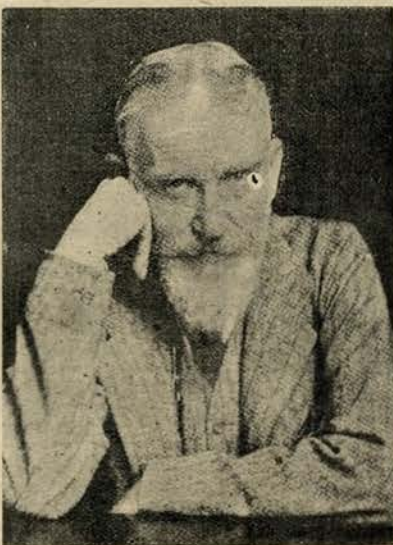
— O sr., um grande tenor, o maior do mun-

Inez de Castro e Bernard Shaw

BERNARD Shaw tornou-se igualmente célebre como escritor dramático e como *blagueur*, trocista e irreverente. O seu teatro admirável — por sinal ainda ignorado dos portugueses — tem um estranho sentido social e uma técnica desconcertante. As suas graças, em contraste com as suas barbas brancas e com os seus 70 anos, recordam as perices dum garoto vivo e travesso. Há poucas semanas, os «reporters» que o perseguem como a uma fonte ambulante de magníficos assuntos, viram-no correr para a *gare*, com uma pequena maleta. — «Para onde vai?» — indagam. — «Vou para a Rússia dos Soviéticos. Tenho lido e escutado opiniões tão diferentes sobre o novo regime que resolvi ir pessoalmente vêr quem tem razão.» E foi! E o Kremlin acolheu-o como a um profeta do Oriente Social. Na volta, declarou: «Tinham razão os optimistas. Houve só um detalhe que me não agradou!» — «Qual?» — quiseram saber os jornalistas. — «É que me trataram com demasiada mimo e eu desconfio sempre dos mimos...!»

Shaw, que interpretou — à sua maneira — «Joana d'Arc», que foi das obras mais discutidas dos últimos tempos, pensa em escrever uma nova peça teatral sob a nossa Inez de Castro. Eis o que «The Plays Magazine» publica a este respeito: «Shaw há muitos anos que estuda a figura desse misterioso rei português que foi D. Pedro I, através da figura da sua loira amante — a bela Inez de Castro. Inez de Castro é, de todas as beldades trágicas da História, a mais romantizada. Romanças, poemas, quadros, estátuas, peças... Cal-

culam-se em 565 as obras por ela heroicadas, algumas em chinês, japonês e persa. Até o indú Tagomi escreveu — «O Rubi de Saugue» — poema bordado sobre a morte da bela Inez. Shaw pretende criar algo de novo em redor dessa mulher que foi coroada depois de morta, algo que espantará críticos, historiadores e público. O drama deve subir à cena ainda este inverno, no «Ambassador Theater», de Londres, representado por Miss Helen Rex, estando a tradução francesa entregue já ao «Porte St. Martin». Quando o vermos em português?»



Bernard Shaw, o famoso comediógrafo inglês, que preparou uma nova «Inez de Castro»

(Continua na pag. 15)

Prólogo

O segredo da civilização americana — Os búfalos, os índios e os heróis de lendas

REVELAÇÕES, INÉDITAS NA EUROPA, DO CORONEL STUART N. LAKE

amigo e camarada de aventuras de Texas-Jack, Buffalo Bill, etc..

«QUEM vier hoje da Europa, atraído pela maravilhosa civilização da América, e visitar este imenso país, do Atlântico ao Pacífico, as impressões mais profundas que colhe não lhe são provocadas pelo progresso inverosímil das grandes cidades orientais, como New York ou Boston, pela paisagem fantástica dos «arranha-céus» da 5.^a Avenida ou pela orgia elétrica de Broadway... O que, seguramente, o alucina é o espectáculo imenso que margina a sua viagem de um extremo a outro da República, ou seja a civilização que floresce, quer nas cidades, tão ultra-modernas como as do litoral atlântico, quer nos campos de exploração agrícola, científica e quasi «futurista», quer ainda no aproveitamento de todos os progressos e de todos os meios de comunicação numa distância de milhares de quilómetros, que um combóio vertiginoso, como não existe nenhum semelhante no velho mundo, leva quasi cinco dias a percorrer — de New York a S. Francisco da Califórnia. Mas se esse viajante for culto e souber que todo esse oceano sólido de civilização que se alastra entre os dois oceanos — o Atlântico e o Pacífico — era quasi uma selva, um mundo selvagem, semeado de desertos e de florestas virgens e de montanhas só habitadas por bandoleiros e de

longos pastos espontâneos onde se alimentavam milhões de búfalos e centenas de outros animais



Em cima: O coronel Smith Crowder, um dos muitos aventureiros célebres do «Far West» e amigo íntimo de Buffalo Bill; No centro (uma fotografia célebre): da direita para a esquerda, os autênticos Bull-Bill, Buffalo Bill e Texas Jack; em baixo: o major R. Thompson, o autor das «Aventuras de Texas Jack»

UMA REPORTAGEM EMOCIONANTE

O que foram na vida real Texas Jack, Buffalo Bill e outros heróis de aventura e de romance

Todos os que na infância leram, com emoção, as proezas desses heróis fantásticos do «Far-West» americano, as suas lutas contra os bandos sinistros e contra o ódio do índio, vão conhecer agora a verdadeira história desses pioneiros da civilização

povoou os desertos, que encheu de granjas científicas os pastos selvagens, que semeou de cidades hiper-civilizadas os reinos dos peles-vermelhas primitivos, que o egrejo, em suma, de todas estas

maravilhas se cifra na construção dessa imensa linha de caminho de ferro que se estende de costa a costa, de litoral a litoral, do Atlântico ao Pacífico, que permite ao americano viajar, de New

York a S. Francisco, em menos de cinco dias, com todas as comodidades e segurança, quando ante-



Fac-símile das «Aventuras de Texas Jack», que estão traduzidas em doze idiomas e que tiveram um grande êxito em Portugal

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Um admirável e quasi ignorado jornalista panfletário do século XVIII



Um símbolo das crueldades inquisitoriais que Cavaleiro de Oliveira combatia nos seus livros

POUCOS portugueses conhecem hoje o nome de Francisco Xavier de Oliveira — Cavaleiro de Oliveira —, um dos mais ilustres pensadores, escritores, aventureiros e jornalistas de Portugal, aventureiro e jornalista que realizou,

na vida e nas letras, no século XVIII, uma obra que ainda hoje, em pleno século XX, é brilhantíssima, emocionante e moderna. E esses poucos ou nenhuns ainda o não conheceriam se não fosse a justiça do Acaso. Aqueles que mergulharam profundamente o espirito na obra de Camilo, notaram, aqui e além, nas citações de um ou outro facto episódico (Nas Noites de Insónia, por exemplo) e, por vezes, na essência de alguns dos seus romances mais consagrados, como o Judeu e a Caveira da Martir — o nome do Cavaleiro de Oliveira e o título dos seus Amusement Periodique. Mas sobre quem era ele e onde o descobria — pouco elucidada. E contudo, foi Camilo quem o desenterrou do esquecimento e quem aguçou a curiosidade dos investigadores...

Parece inverosímil que uma tal obra e um tal homem imergisse nas trevas durante quasi dois séculos. Mas quando se souber as causas — facilmente se decifra o enigma: é que o Cavaleiro de Oliveira, bom católico, quasi fanático, na juventude, por herança moral, por educação materna, por sugestão do meio, pela imposição dos padres que o cercavam e o dominavam, rebelou-se, num impeto de generosa cólera, contra as injustiças e crimes que se cometiam em nome de Cristo; combateu-os enérgica e genialmente — e a Inquisição que, em sua vida, o condenou ao fogo e destruiu todos os seus livros, para que do seu génio não ficasse um único vestígio, ainda hoje, através das secretas influências dominicanas, lhe persegue a memória.

Filho de boa família, parte para Viena de Áustria, como secretário de Legação. Belo galã, um pouco boémio e estroina, brilha, glorifica-se como tenório e como fidalgo — mas cai no desgraçado do seu ministro, pelo seu espirito de indisciplina, o seu ódio à hipocrisia, a sua hostilidade aos crimes

(Continua na pag. 12)

tiva de civilização. Umhas brigadas de mil ou dois mil operários que conseguiam durante um mês construir uns quilómetros de rails, eram espezinhadas bruscamente pelas ondas de búfalos, desfeita toda a sua obra, para que, depois, novas brigadas viessem recomencê-la, para lhes suceder por fim a mesma fatalidade, ou para que fôsem escalpeladas pelos peles-vermelhas que iam no combóio — esse diabólico «cavalo de ferro e fogo» —, uma ofensa e uma profanação às almas dos seus avós. Além disso, os búfalos tornavam impossível a construção das cidades e todo qualquer esboço de aproveitamento agrícola daquelas regiões — e sem agricultura não há combinação possível! Uma seara plantada e uma pequena manada desses animais era suficiente para a devastar em minutos... Mas havia ainda uma razão eloquente para se considerar a super-abundância dos búfalos como o maior atrito contra todos os sacrifícios dos civilizados... Era que o outro inimigo, o índio, constituía um perigo ameaçador, devido precisamente ao búfalo... Paradoxo? Não.

«A ameaça do índio tinha dois aspectos: o da sua força física, moral e numérica, excitada pelo ódio ao branco, fruto da sua selvageria; e o da sua resistência a todas as tentativas de captação, de adaptação ao progresso ocidental e de fraternização com os brancos. E em qualquer dos aspectos, a causa era o búfalo...»

«Ante estas duas resistências do pele-vermelha os brancos tinham de seguir um de dois caminhos: ou combatê-los, vencê-los, dominá-los, enfraquecê-los ou extingui-los, ou então civilizá-los à força...»

«Ora o índio era forte, numeroso, porque vivia facilmente, sem trabalhos nem cansaças. Não necessitava de trabalhar a terra para se alimentar. A super-abundância de búfalos dava-lhe rapidamente, por meio da caça, toda a carne necessária para se banquetear e fortalecer, e a caça só lhe exigia o esforço de alguns dias por mês, e de alguns homens, poucos, daqueles que não serviam para as guerras. Portanto, sobrava-lhe o tempo para se exercitar e para perseguir os brancos e a força para os vencer. E como todos os povos que vivem facilmente, os índios multiplicavam-se como coelhos... ou como os búfalos. No que diz respeito à sua resistência contra a captação civilizadora, era ainda o búfalo que, negando-lhes a necessidade agrícola (base de toda a paz e civilização), os tornava rebeldes e incrédulos às pregaçãoes e propostas de aliança dos brancos.

«O governo, após muito sacrificio de vidas e de dinheiro, chegou a uma conclusão fantástica: que enquanto os búfalos superabundassem no «Far West», todos os esforços seriam inúteis e estéreis. Foi então, de 1865 a 1870, que começaram a aparecer esses heróis da civilização americana, os caçadores de búfalos, os destruidores desse terrível inimigo do progresso... Nunca passaram de algumas dúzias... Esses poucos distinguiram-se, até à celebridade mais famosa, Texas-Jack, Buffalo Bill e poucos mais. Foi, graças a eles, que o caminho de ferro do Atlântico ao Pacífico, durante vin-

(Conclue na pag. 12)



O último retrato de Buffalo Bill, quando esteve na Exposição de Paris (1900)

Dramas negros da Europa



... A pobre negrita tinha sido roubada à mãe

HÁ poucos dias, estando nós abancados num terraço, frente ao qual desfilava a multidão aguardando como que um pretexto dessa multidão para enchermos a nossa palestra, vimos passar uma família, aliás característica. Um marido de meia idade, ventruado por dilatação doentia do fígado e outras miudezas, a pele colorida por uma tintura em que o verde da bilis se combinava com o castanho baço das febres e das ardências tropicais. A esposa era uma fêmea seca, insexual, mais nova do que ele, embora a pobreza de encantos não lhe deixasse revelar a mocidade não distante; os modos bruscos, um olhar estreito de miope ou de permanente azedume... Atrás do casal seguia uma negrita retinta, uma graciosa boneca de alcatrão, as faces como que pintadas a *Ripolin*... negro, as irises eram lan-tejoulas vivíssimas, faihlando na noite do rosto; uns sapatos inadapáveis aos seus pés e que a pobre cambava; um fato vermelho como uma mancha sangrenta, e um avental alvíssimo a contrastar com a negrura da pele; e um bebé, branco, muito branco, franzino, cabeçudo, esqueleto mal vestido de carne, ao colo da negrita. O bebé chorava, embirrento; e a mãe, não podendo castigar a sua própria obra, desabou sobre a criadita de avental branco a sua cólera, sacudindo-a, ameaçando-a, descompondo-a, furiosa; e todos nós, testemunhas discretas da cena, julgámos vê-la beliscar-lhe um braço e logo impôr-lhe silêncio, quando a martirizada, no impulso da dor, ia escancarar a boca, num berro selvagem... A bôca da pobre fechou-se, os lábios comprimiram-se, temendo castigos mais cruéis ao chegar a casa, se não calasse o seu sofrimento, e duas lágrimas envernizaram as faces de alcatrão... E um de nós três começou a falar nas tragédias negras da Europa...

— Em Portugal, em especial, e na Europa, em geral, discute-se muito a crueldade selvagem dos americanos, no seu *chauvinismo* de raça, censu-

centes, e até mulheres e crianças, com petróleo, e deitando-lhes fogo, depois, como a archotes humanos! Um negro que levante a mão a um branco é condenado à morte! Um branco assassina um negro, e se o *polliceman* (o que é raro) o prende, o castigo que o matador sofre é o de uma pequena multa...

«Tudo isto indigna muito a Europa generosa e principalmente os portugueses sentimentais. Mas... quanta hipocrisia não existe nessa indignação!!»

Os negros da América isolam-se, formam já uma grande nação dentro dela, e já se defendem moral, espiritual e materialmente, de modo a limitar ao mínimo a crueldade dos brancos; e vivem livres, completamente livres, dentro dos seus bairros, das suas cidades, das suas regiões. Tão livres que, se não emigram, se não mudam de terra é porque não querem, é porque... não lhes convém. Muito mais desditosos do que os negros da América são os que vivem na Europa, e muitos dos que vivem em Portugal. Como? Este exemplo a que acabamos de assistir é bem eloquente...

«Um grande número de coloniais traz consi-

Como nos nossos dias, a cobertura das leis, se faz escravatura

rando o ódio, o desprezo, a perseguição que fazem aos negros, mais digna de *boxers* fanáticos da China do que de cidadãos hiper-civilizados da civilizada América. Bem sei que os americanos tratam os negros como se fossem irracionais repugnantes, que não lhes permitem a entrada nem a peso de ouro nos seus *restaurants*, nos seus hotéis, nos seus cinemas, nos seus «cafés», nem nos seus *trams* ou carruagens de caminho de ferro. Nos combóios, no *metro*, nos *eléctricos*, existem carruagens ou bancos para os *colour-men*, ou seja só para os negros. Se uma branca, por vingança, acusa um negro de a ter olhado com olhos de homem, tanto basta para se improvisar uma caçada aos negros, onde a lei de Lynch se pratica, numa orgia de sangue, besuntando-se as vítimas inocentes e crianças, com petróleo, e deitando-lhes fogo, depois, como a archotes humanos! Um negro que levante a mão a um branco é condenado à morte! Um branco assassina um negro, e se o *polliceman* (o que é raro) o prende, o castigo que o matador sofre é o de uma pequena multa...

go, de regresso ao continente, um moleque para o servir. A primeira tragédia é a do embarque. Conheço eu um caso em Barcelos. Uma dama, esposa dum colonial, voltou à Europa, com uma ranchada de filhos. Precisava de uma escrava para os tratar. Escolheu uma pequena de dez anos. A mãe chorou muito ao despedir-se da filha, jurando a dama que a pequena a iria visitar todos os domingos visto que ela ia instalar-se nos arredores de Luanda. Uma vez na cidade, disse para a escrava: «Vais vêr uma coisa que nunca viste: um grande navio». A desgraçada criança teve a intuição do perigo que corria e protestou e chorou. — «Não sejas estúpida. Vamos só almoçar a bordo e já voltamos. A tua mãe também está no navio.» E burlando as autoridades (o que é tão frequente quantos são os escravos que se exportam para a Europa), levou-a para o paquete e sequestrou-a num camarote até levantar ferro. A pobre barafustava, berrava, queria voltar para a selva, para a vida livre e feliz que levava, para junto da mãe que *nunca lhe batera* (porque as mães negras nunca batem nos filhos), mas tudo inútil. Na Europa levaram-na para uma terra da província, onde o martírio moral da criança se transformou numa inquisição... Basta dizer-lhes que o castigo mais suave que lhe aplicava era o de lhe queimar as palmas das mãos com o ferro de engomar, ao rubro!!! Várias vezes a mártir fugiu de casa e se foi queixar ao administrador... Isso em 1921... E como o administrador era amigo do marido da dama, obrigava a escrava a voltar para... a tortura. Até que um dia apareceu um administrador humano — o sr. António Roriz — e a libertou daquele inferno...

«Organizam-se muitas cruzadas piedosas — mas nunca se pensou no calvário dessas centenas de crianças negras que são arrancadas, à força, às suas famílias e, à força, trazidas para a Europa, e que vivem uma existência de escravos, espalhadas por essa Lisboa e por esse país, espancadas, torturadas selvaticamente...

(Conclue na pag. 15)



Os traficantes de negros eram... dois irmãos de raça...

Uma figura misteriosa de mulher — Amores vulgares, romances sinistros — Miséria e alucinação.

As influências mesológicas da região, oxigenada por uma moral sadia, tornaram o seu carácter dócil e revestiram os seus sentimentos de substâncias humanistas. Castanheira de Pera, lavada de um aroma espiritual, não enegrece as cifras demográfico-criminológicas de laivos repugnantes. A sua atmosfera é saudável e de uma forte construção humana. As taras hereditárias podem, no entanto, sobrepôr-se à beleza do clima e os seus naturais aparecerem-nos como fragmentos de um meio pervertido e coberto de miasmas.

Lucinda Barreto, que hoje conta trinta e oito anos, viveu a sua mocidade no turbilhão das fábricas de tecidos, mecanizada no singular teclado dos teares, ante o panorama fotográfico do movimento prosaico do descer e subir das lãs, sem outra preocupação de que conseguir, ao fim do dia normal de trabalho, a produção suficiente para conquistar um salário que fôsse como um jacto de luz a abrir a alegria no lar de seus pais. Vivía feliz nos encantos daquêle bulício industrial, garrulando com as suas companheiras de mister sobre frivolidades, distraíndo seus ócios sóbrios em *firts* simples, com a inocência dos madrigais campesinos.

Castanheira de Pera espartilhava, porém, os anelos de Lucinda Barreto. Fechada no círculo discreto da simplicidade regional, sabia, pelo menos intuitivamente, que distante, nessa Lisboa convulsionada pelo modernismo, a vida teria outros prazeres, sem o «tic-tac» monótono dos teares nem a aridez da mecânica oficial. Nunca a escola primária lhe queimara o cérebro. Era analfabeta.

O HORIZONTE SOCIAL

Quando Lucinda Barreto chegou a Lisboa, há sete anos, o panorama do emprego sulcava-se de mil dificuldades. As suas habilitações limitavam-se ao conhecimento do mecanismo dos teares e a umas leves noções de doméstica. Não se dederia, porém, porque outras suas conterrâneas aqui se colocaram como serviçais e haviam dado provas agradáveis. Tentaria igualmente a admissão em qualquer casa como criada... e seria o que Deus quisesse. Tinha a recomendá-la algumas virtudes: honradez, moral e submissão.

Lucinda Barreto colocou-se. Durante cinco anos serviu numa casa cujo nome do proprietário fica para além da indiscreção jornalística. Não consta que tivesse dado provas da sua má aplicação. Atingira a mediania das serviçais, e, se não agradavam as suas faculdades, era tolerada pela dedicação ao trabalho.

Não era uma moçoila prendada pela floricultura da Natureza. Os traços fisionómicos tinham um misto de feminilidade e masculinidade. Os encantos de mulher estavam proscritos e a beleza feminina parecia caprichar em distanciá-la de Venus de Milo. De pura expressão, olhar severo e tumultuoso, perfil grosseiro, não tinha a atracção senhoril de Julieta. Contudo, era uma mulher, transpondo a trigésima quadra da vida, um pouco fêmea, mesmo mais fêmea do que mulher.

A quadra estival levou um dos seus patrões até S. Pedro de Muel. Dois meses decorreram naquêle ambiente alegre de semi-mundanismo na praia do mesmo nome. Lucinda, depois dos tempos recuados dos seus derroços de Castanheira de Pera, já-mais conquistara as simpatias de Romeu. Os homens, mesmo os da sua igualha, olhavam-na de so-laio e murmuravam a sua antipatia por essa mulher. Desdenhavam até da sua «beleza», e o corrosivo da sua ironia queimava a vaidade da antiga tecedeira.

Um provérbio popular diz que o amarelo reúne os seus adeptos, e «José Marujo», um homem duro

Tragédias do «bas-fond»

Esquartejou a filha... porque nasceu morta!

de sensibilidade, principiou a galantear a Lucinda, não mais deixando de a perseguir. Os patrões vieram para Lisboa e a serviçal ainda não tinha recebido a missiva madrigalesca do D. Juan. Lucinda conservava ainda o perfume casto da honradez. «Nessa altura — assegurou-nos há pouco esta mulher — ainda não me tinha pedido namôro.» E Lucinda, em fisionomia paralelamente semelhante às noites severas de trovoadas, não conseguia arredar o requêsto do homem de dura sensibilidade que lhe seguia todos os passos.

Em um dia de folga, Lucinda resolveu fazer uma travessia marítima... a Cacilhas. O «José Marujo», que a perseguia, sitiou-a de setas amorosas. Uma delas atingiu o coração da serviçal e daí por diante a ante-câmara da fatalidade enlaçou-os na mais íntima comunhão de ideias. Não existia entre êstes dois seres espiritualidade, antes se manifestava no «José Marujo» o desejo animal da carne. Saciado êsse apetite voraz, que a ideia da frescura mais aciclavava, veria o desprezo por essa mulher proscrita de qualquer atractivo.

NA ANTE-CÂMARA DO FILICÍDIO

Lucinda sentira a primeira paixão amorosa. Êsse «José Marujo» possuía o íman da fascinação. Nunca experimentara uma sensação tão forte e estranha na sua adolescência, como a que a conturbava naquêle momento. Dir-se-ia que uma paixão serôdia, aos trinta e sete anos, a tornava uma mulher diferente, metamorfoseada por um sentimento bizarro.

«José Marujo», se não possuía a delicadeza de um amoroso, era, no entanto, um homem que do-



Lucinda Barreto

minava pela compleição física aquêle frágil sêr feminino. Conseguira instalar-se no *hall* do coração de Lucinda e derrubar a muralha de segurança da serviçal. E, a espaços, penetrava subtilmente, com a gazúda da conquista donjuanesca, no todo da sua apaixonada. Lucinda, sitiada, cedeu aos rogos concupiscentes do seu estranho Romeu, ligando o seu futuro ao do homem que sulcava, como a bordo do navio de guerra a que pertencia, os mares amorosos da desgraça.

Lucinda disse um dia a «José Marujo»: «*Vou ser mãe*». O marinheiro estremeceu. Nem as ondas alterosas, no alto mar, lhe causaram tanto sobresalto. Parecia que um ciclone estava prestes a fazê-lo submergir. Como poderia êle vencer aquêle transe? Era casado, perfilhara dois meninos, os seus enlevos, os rebentos de um matrimónio. Só sofismando a lei poderia dar o nome aquêle filho. Mas como o faria, se a mãe lhe repugnava e aquela ligação com Lucinda não passava de um capricho casual e um devaneio estúpido?!

«José Marujo» desapareceu. Lucinda ia ser mãe e êle enjeitava essa responsabilidade. Não havia forças humanhas que o demovessem. E jamais a antiga tecedeira de Castanheira de Pera conseguiu receber notícias do pai de seu filho, porque a mastreação da T. S. F. dos sentimentos do «José Marujo» foi derrubada propositadamente para evitar compromissos. E Lucinda aguardou outros dias, a hora da *délivrance*, não deixando, contudo, de sonhar a feroz resolução que veio a tomar.

Sabia que outras desgraçadas, vencidas igualmente pelo infórtúno, deixavam na enfermaria de obstetria do Hospital de S. José os filhos do acaso. Na hora marcada pelo barómetro da Natureza, recolheria a êsse estabelecimento e ali deixaria o fruto dos seus amores com «José Marujo». A Santa Casa da Misericórdia tomaria conta dêle, que ficaria sendo mais um enjeitado, a menos que alguma senhora o fôsse adquirir para justificar qualquer plano. Não lhe agradava a ideia do abandono de seu filho. No cérebro germinava outra ideia, bárbara e criminosa.

COMO NA IDADE MÉDIA

A hora da *délivrance* surgiu como o prelúdio de um grande drama. Lucinda servia, então, em uma casa da Rua de S. Cristóvão. Ocultara sempre o seu estado. E um dia recolheu-se à cama, pretextando uma doença vulgar. Pouco depois, uma menina aumentava o censo da população. Naquêle quarto sombrio, cacofo da Desgraça, entre as quatro paredes de um túmulo, uma face de enormes dimensões, certamente para ali levada com um propósito, desenhou no espaço, como adaga, fundos górges, em sôfrega ânsia de sangue. O silêncio cortava como o gume daquela face. Nem o menor ruído perturbava a exaltação daquela mulher sinistra.

Lucinda debruçou-se sobre o corpo imóvel de sua filha e retalhou-o serenamente como o magarefe desmancha a peça de carne. Fragmentado o corpo da infeliz, atravessou a casa, pé ante pé, em direcção à cozinha e despachou para o receptáculo do colector geral, em pedaços, a filha do «José Marujo». Em uma das suas digressões macabras, na volúpia do sangue, deixara cair no corredor dois bocados da infeliz. Um dos gatos da casa, sôfregamente, lambia, pouco depois, a carne da criança. A patrão notou o estranho caso e, sobressaltada, entregou à polícia a Lucinda, que durante dois meses esteve entre a vida e a morte no Hospital de S. José, aguardando o ingresso na prisão.

Há dias, o Tribunal da Boa Hora remeteu a Lucinda Barreto para as Mónicas. Dentro de pouco tempo o julgamento e os vinte e cinco anos de lei... Uma légenda cobrirá o corpo da esquartejadora de sua filha. Depois, o castigo, quem sabe se o rememor de um acto monstruoso. Entretanto, o «José Marujo» levará ao filicídio outras desgraçadas e Lucinda Barreto repetirá aquela frase cruel que nos dirigiu:

— Esquartejei a minha filha porque ela nasceu morta!

ALFREDO MARQUES

Texas Jack

(Continuação da pag. 9)

te anos empatado, se realizou em poucos meses. Foi, graças a eles, que a América conseguiu ser o que é hoje... E o povo americano não os esquece... Venera-lhes a memória como eles omerecem.

«Contudo, fóra da América, Texas-Jack, Buffalo Bill e os seus companheiros de luta, de heroísmo e de aventura, não passam de personagens de novelas infantis, seres fantásticos e até pouco verosímiles, quando a-final a sua obra ultrapassa a fantasia de muitos escritores. Eis a razão porque nos decidimos a arrancá-los da lenda e a revelar ao mundo as suas verdadeiras e gloriosas personalidades.

I—COMO O AUTOR DE «TEXAS JACK» CONHECEU... TEXAS JACK

«Antes, porém, de reviver as minhas memória⁸ — escreve Stuart N. Lake — quero reproduzir um artigo que Lanski, o autor-milionário das aventuras de «Texas-Jack», o mais popular dos heróis do Far West, publicou, há anos, no «Chicago Magazine»:

— «Tinha eu então vinte e cinco anos—começa o citado escritor —, e tendo sido ferido na expedição contra o sanguinário Suarez Ruiz, passara à reserva como tenente de artilharia. O soldo não me chegava para viver e eu aproveitava a minha vocação literária para colaborar em revistas e jornais.

«Uma semana antes do Natal, o director do «Chicago Tribune» encarregou-me de realizar uma reportagem em Kansas-City. Vários outros jornalistas partiram no mesmo combóio, agrupando-me eu com eles, a-pesar-de ser o mais novo. Ao chegar a Kansas, a mais velha cidade indiana, fomos recebidos como príncipes e ofereceram-nos um banquete no maior hotel da cidade. A nossa volta, todas as mesas estavam cheias de curiosos; e entre estes destacava-se um velho dos seus setenta anos, rijo ainda, de cabelo e bigode alvíssimos, mas que travava à velha maneira dos pioneiros do West, botas altas vermelhas com franjas mexicanas, jaqueta com «rondós» andaluzes, cinta de couro e luvas campanudas, que ele guardava na cinta.

Aos licores (ainda estava muito distante a «lei seca») discutiu-se animadamente, aquecidos pelo álcool, o fanatismo nacional pelas aventuras de caça e de índios. Eu, por ser o mais jovem e para me salientar, negava o interesse e o valor dessas aventuras, chegando à toleima de duvidar da existência real desses heróis.

— «São figuras de lenda — berrei eu, por fim. — Nunca existiram. Era lá possível que um só homem realizasse as proezas que nos impingem? Que lutasse com tantos índios e com tantos búfalos e bandoleiros, durante vinte, trinta, quarenta anos, vencendo sempre e escapando sempre às balas e às lâminas dos peles vermelhas, aos chifres das feras e às ciladas dos salteadores? E' inacreditável!!! E' ridículo!»

«Enquanto falava, notei que o velho excêntrico, escutando-me, se sorria e que o seu sorriso se dilatava, mas pensei, vaidoso, que ele aprovava as minhas petulantias negativas. Súbito o velho ergueu-se, acercou-se da nossa mesa, e, pousando as mãos sobre os meus ombros, perguntou-me:

— «Com que então, meu rapaz, todas as proezas são patranhas e basófiás, e todos esses heróis são fantasias lendárias? Na sua opinião nunca existiram os heróis do Far-West? Nunca os viu nem os conheceu, pelo menos, e isto basta para lhes negar a existência? Nesse caso Washington e Lafayette também são fantasias, porque tu, meu pequeno, não os viste nem os conhecestes... E sobre Texas-Jack, o que pensas? E' uma «pêta» como as outras, hein? Pois enganaste-te! Queres conhecê-lo, queres vê-lo?»

«Confesso que estava perturbado. Todos os olhos se fixavam em mim e eu pressentia o ridículo da minha situação. O velho ergueu-me com uma força extraordinária para a sua idade e, obrigando-me a colocar-me à sua frente, gritou:

— «Olha bem para mim... Sou eu o Texas-Jack, ouviste? Um Texas-Jack bem caduco, bem triste, bem cansado, mas em carne e osso!

Era ele, de facto...

(Continúa)

LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO: — Quem era Texas Jack, e as suas primeiras aventuras.

Cavaleiro de Oliveira

(Continuação da pag. 9)

do fanatismo... Arruinado, sem emprêgo, mal visto em Portugal, passa à Holanda e depois para Londres, onde morre aos 80 anos. O *niño mimado* de príncipes e beldades envelhece rapidamente, torturado pelas desilusões e pela perseguição cruel dos seus inimigos. O faustoso esbanjador sofre a mais humilhante das misérias. Mas nenhum infortúnio lhe torna flexível a espinha dorsal nem o obriga a ceder ante o que ele considera de impiedoso e de injusto. O facto de ter abandonado a religião apostólica romana para se entregar nos braços da Reforma, que a sua inteligência considera mais lógica e mais pura, acaba por o expulsar de todas as amizades influentes de Portugal, cujo céu ele nunca mais poderá contemplar sem perigo de ser feito em torresmos pelos inquisidores. A saúde da Pátria martiriza-o tanto como todas as outras fatalidades.

E' por volta de 1750 que ele se lembra de lançar, em francês (num francês tão belo de estilo que a própria França o admira), uma espécie de panfleto mensal, intitulado *Amusement Periodique*, que lhe garante o pão durante muito tempo. Publica-o em francês visto que só pode conseguir assinantes fóra de Portugal. Apenas três exemplares entram no nosso país, em segredo. Desses três — de dois ignora-se o destino e só o terceiro veio parar, um século depois, às mãos de Camilo, que o aproveitou, largamente, como fonte de informações admiráveis para os seus livros — no referente à vida portuguesa do século XVIII e sobretudo sobre os mistérios da Inquisição.

Nunca o Santo Offício e os seus crimes sofreram um ataque tão violento, tão inteligente, tão poderoso como o do Cavaleiro de Oliveira. Basta evocar um dos seus capítulos. Conta ele que um dia um médico, amigo íntimo do Conde do Prado, que era um bom católico, caiu no desagrado de um familiar do Santo Offício, que o denunciou como hereje mascarado. O Conde do Prado escreveu ao inquisidor, que era ainda seu parente, jurando-lhe que o médico era um fiel cristão e pedindo-lhe a liberdade. O inquisidor nem lhe respondeu; e o pobre médico, condenado ao destêrro e a ficar na pobreza, visto que a Inquisição se apossara de todos os seus bens, teve tempo, antes de emigrar, para dizer ao seu protector que só porque os supplicios, que lhe tinham esmagado os ossos dos dedos, eram superiores às suas forças é que ele se vira obrigado a confessar-se hereje, mas que a verdade é que continuava tão católico como sempre o fóra. O Conde então fingiu-se doente e pediu ao inquisidor que o fôsse visitar; e apanhando-o no seu palácio, fechou-lhe as portas, mandou os criados trazerem um capacete em braza e declarou ao cardinal: «Ou tu escreves já nesse papel e assinas e juras pela tua honra que és e fôste sempre judeu, embora às occultas, ou eu te coloco este capacete na cabeça até a carne ficar em torresmos!» Não foi preciso fazer a experiência: o cardinal inquisidor, trémulo de terror, jurou por escrito que era judeu praticante, e assinou logo. — Isto prova quanto criminoso é a vossa jus-

tiça!» — disse por fim o Conde. «Tu és tão judeu como o era o meu médico e tantas outras vítimas da vossa crueldade e que morrem na fogueira. Com uma diferença: é que vocês arrancam as declarações às vossas vítimas por meio de supplicios torturantes, enquanto que tu assinaste este papel apenas... por teres visto ao longe um capacete em braza.»

Amusement Periodique, que Aquilino Ribeiro traduziu e comentou, devia ser lido por todos aqueles que ainda têm illusões... Mas também se compreende a perseguição que ainda hoje sofrem a memória do Cavaleiro de Oliveira e a sua obra.

O constante desaparecimento de menores

Mistério que se esclarece

DESAPARECIMENTO constante de menores, de perto seguido pela notícia nos jornais e a queixa na P. I. C., continua a alarmar a população.

Até aqui, só em Lisboa e Porto se deram êsses misteriosos desaparecimentos que põem os cabelos em pé a pais, noivos e irmãos. Mas não. Agora, até fóra desses grandes aglomerados de população, nas aldeias verdejantes do Minho, até ao Algarve, pátria lendária das amendoceiras em flor, vai um grito lancinante. Mais que a perda dos entes queridos, é chorada a incógnita em que se apresenta o seu futuro nebuloso.

Para onde vão essas menores? Quem as desencaminha?

Não tiveram ainda resposta estas perguntas, como não foi ainda descrita a tragédia extraordinária desses pequeninos entes, cabeças povoadas de illusões, que a vida, com a sua realidade brutal, faz dissipar. Mas o que até aqui era mistério denso vai-se aclarando aos poucos. Começa, finalmente, a fazer-se luz.

Temos uma pista que decifrará em breve o X do problema — sem piada ao *Reporter X*. Sabemos — podemos gritá-lo orgulhosamente — para onde vão êsses menores que desaparecem, conhecemos a força irresistível que os obriga a deixar a casa paterna, a abandonar os carinhos da família. Grande força será essa, grande força terá a entidade que obriga tanta gente a esquecer conveniências, preconceitos, família, interesses, e, nesse momento azado, sem vacillarem, arriscarem tantas garantias contra probabilidades incertas.

Vamos denunciar o facto, certos de que causamos grande alegria às famílias que, de futuro, ficarão descausadas quando lhes faltarem os parentes, e sem remorsos de contribuírmos para mais fugas. Tantas centenas de pessoas que fogem dessas cidades e vilas e se juntam às que fogem de Lisboa encontram-se todas as noites assistindo às representações da *Nau Catrineta*, no Teatro Maria Vitória, onde, nas duas sessões, são esgotadas as lotações e as gargalhadas, consecutivamente, são um incentivo para mais fugas e contribuem, como os melhores dos reclamos, para o êxito sempre crescente daquela revista.

AZEITE
SANTA CRUZ
O melhor para mesa
RUA DO ALMADA, 179-1.º
TELEPHONE 4697 — PORTO

Lisboa de hoje

O MAIS MODERNO ASPECTO DA NOSSA CAPITAL

As razões de um grande triunfo

HÁ 20 anos, em Lisboa, tirando o teatro e os poucos e maus cinémas, não havia um centro de diversões onde se passasse, em alegre convívio, algumas horas, fóra do chá e pantufas no remanso do lar. E, está provado — são unânimes em dizer todos os médicos, todos os higienistas que tratam do físico e do espírito —, só a alegria, só a despreocupação conduz o homem à felicidade e lhe dá forças para transportar aos ombros o fardo pesado da vida, com os seus dissabores, os seus desgostos, as contrariedades de todas as horas, numa palavra, os espinhos de que a vida é feita.

Por isso se afirma, e com razão, que a cidade com mais diversões é o melhor centro de trabalho, havendo quem afirme que a grande força produtiva da América do Norte, da Argentina e da Alemanha reside exactamente no facto de serem as nações que maior número de diversões possuem, o que plenamente justifica a nossa tese: não nos esquecermos que estes países são, também, aqueles

que mais pesam na balança económica mundial.

O trabalho, que a Bíblia apresenta como um castigo dos homens, tem que ser dulcificado com prazeres. Por isso cumprem uma missão social absolutamente justificada, mais do que isso, necessária, aqueles que, podendo empregar os seus capitais em outros negócios, talvez de mais lucros mas de menos necessidade, como os *music-halls*, *dancings*, «cafés», etc., os empregam da forma como fomos dizendo.

Mas hoje, em Portugal, já se pensa assim, fugindo à rotina de há 20 anos, procurando alcançar o ritmo acelerado da Europa de hoje. Lisboa entrou finalmente na verdade. Estiliza-se, moderniza-se, tomada de bom gosto. Trabalha, diverte-se, cõscia finalmente da grande verdade de que, sem divertimentos, não pode haver trabalho útil na verdadeira expressão desta palavra, mas sim uma função mecânica que não dá rendimento nem alegria.

Uma síntese destas opiniões modernas e desempoeiradas, verdadeiras ideias 1931, traço de união entre Lisboa e Paris, Berlim e Milão, Rio de Janeiro e Nova York, é o *Galo de Ouro*, o requintado local das *tertúlias* dos nossos mais famosos artistas, onde um ambiente de arte e bom gosto refresca o espírito depois dum dia de trabalho.

Não dizemos por reclamo que o *Galo de Ouro* é hoje conhecido suficientemente para dispensar os nossos reclamos, afirmamo-lo num preito sincero de homenagem aos seus organizadores que, triunfalmente, procuraram e conseguiram colocar Lisboa dentro da Europa.

E esta opinião não é só nossa. Ainda há pouco o sr. Andres Rodriguez, moço escritor com largas viagens pela Europa e pela América, depois de percorrer os centros de prazer de Portugal, como aliás todos os estrangeiros, todas os artistas, todos

os homens modernos que chegam ao nosso país, depois de ter estado aqui e além, em todos os locais reclamados pelos cartazes de letras berrantes, nos declarou, dizendo-se encantado, que o *Galo de Ouro*, como poucos mais locais de diversão, e melhor do que qualquer outro, era, dizia-nos na sua linguagem pitoresca, um pedaço da Europa em Lisboa.

Justifica-se. Luz, arte, lindas mulheres, os melhores professores de música, artistas de fama mundial cumprem os seus programas. Tudo ali se encontra num ambiente de estonteamento encantador. Mas há mais ainda: juntando o útil ao agradável, todos os frequentadores do *Galo de Ouro* auxiliam os desprotegidos da sorte, pois uma parte considerável da receita daquela casa se destina para os estabelecimentos de beneficência e caridade, a quem todos os meses são entregues algumas dezenas de contos.

Por isso o *Galo de Ouro*, mais que um vulgar negócio, é uma necessidade. Nos tempos de crise que tantos lares assoberba com o fantasma negro do desemprego, será, decerto, também um consólio para os frequentadores daquela casa o saberem que com o que a eles é supérfluo mantêm perto de 100 famílias, tal é o número de empregados daquela casa.

Estão plenamente justificadas as nossas palavras, como está também justificado o êxito triunfal, sempre crescente, do *Galo de Ouro*.

**VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA**

Novela n.º 35

A Trincheira Embruxada

Quinta-feira, 26 de Novembro de 1931

**Sensacionalíssimo
original inédito
de REPORTER X**

LEIAM

Finalmente remodelados os serviços gráficos do «Reporter X», a Novela Policial, que não tem podido publicar-se, VOLTA A APARECER A'S QUINTAS-FEIRAS, SEM QUALQUER NOVO ADIAMENTO, como sempre cheia de interesse





O n.º 20 da Calçada da Glória, que dá passagem para o túnel

A Sepístolas que nos desflecham a diário — já o temos dito mais de uma vez —, se nem sempre oferecem filões admiráveis aos nossos reporters, raras vezes são banais ou vazias de interesse. O nosso correio desta manhã trouxe-nos uma carta que não podemos ainda classificar porque não sabemos até que ponto ela representa um raciocínio calmo e agudo ou a alucinação de um espírito obcecado. De todas as formas, merece a publicidade que solicita. Ei-la, pois, na íntegra:

«Sr. director. — O seu jornal, que leio sempre com impaciente curiosidade, parece, muitas vezes, escutar à porta do meu cérebro, tal a simultaneidade entre algumas das suas revelações e... as minhas. Ultimamente o «Reporter X» tem insinuado, alarmado, a existência de uma força internacional secreta, algo que usa máscara de seita, sob intuitos sinistros; força ou seita essa que tem contribuído, com fio cinismo e poderosa garra, para todas as fatalidades, todas as quedas, todas as angústias, to-



A embocadura do túnel, do lado de Campolide

O mistério do túnel do Rossio

Existem ligações entre o túnel e várias casas da cidade? Quem as abriu e com que objectivo? O mistério trágico das empreitadas do túnel

das as más horas que, há já séculos, o nosso povo e a nossa pátria têm sofrido. Mas, desde o princípio do século XX, as manifestações dêsse mal invisível são mais amiudadas; e se quisermos ser minuciosos, após a República, após, sobretudo, o enraizamento do novo regime (1913 a 1914), essas manifestações começaram a tomar um aspecto grave. Vinha ela, por uma sucessão de heranças misteriosas, do dinamismo dos Templários, vinha da ordem dos «Cem», como há quem o afirme. A verdade é que existe porque as suas obras nefastas são bem eloquentes.

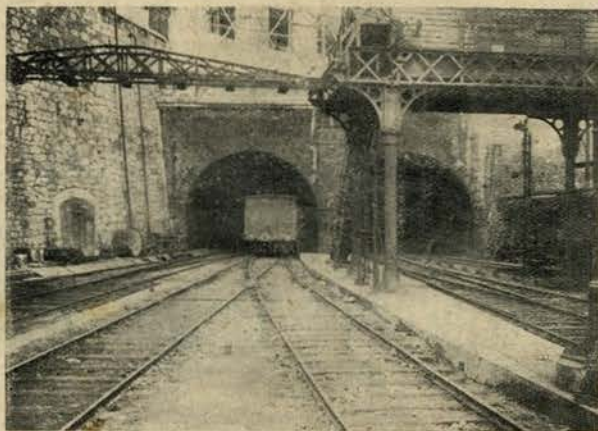
«Vou-lhe contar um pequeno episódio. Quando, há anos, se começou a perfurar a terra para construir o túnel entre o Rossio e Campolide, o trabalho foi distribuído por vários empreiteiros estrangeiros. Havia um determinado ponto do túnel a construir para o qual se ofereceu um sujeito estrangeiro que veio expressamente a Lisboa com esse objectivo. Apesar das condições vantajosíssimas que ele propôs, os gerentes da Companhia não

o aceitaram, oferecendo a empreitada a outro indivíduo. Quando este indivíduo e as suas brigadas de operários entraram no túnel deu-se uma enigmática explosão que o matou assim como à maioria dos seus homens. Pela segunda vez, surgiu o já citado estrangeiro, fazendo novas propostas, mais vantajosas ainda, e de novo foram recusados os seus serviços e cedida a empreitada a um nacional. Quando este ia a iniciar o trabalho, nova catástrofe, nova tragédia, novas mortes, e nova proposta do mesmo estrangeiro, que se oferecia, agora, quasi de graça... Moveram-se influências, e, finalmente, o estrangeiro tomou conta dessa zona do túnel, vindo todos os seus operários do estrangeiro, não sendo admitido um único português. Mais: a certas horas do dia o estrangeiro colocava como que sentinelas nos extremos do túnel, e quando entrava algum estranho essas sentinelas trilhavam

apitos como que... avisando o chefe da aproximação de indiscretos. Terminada a empreitada esses mesmos operários estrangeiros foram encarregados da reconstrução de alguns prédios que ficam precisamente sobre a zona do túnel por eles trabalhada, casas que parecem ainda hoje deshabitadas, grande parte do ano, mas cujas portas se abrem às vezes, a meio da noite, para indivíduos que chegam embuçados e que circunvagam cautelosamente a vista antes de entrar...

«Se observarmos ainda a estreita relação que existe entre o túnel do Rossio e certas fatalidades que nos têm ensanguentado nos últimos trinta anos — este enigma tornar-se-á mais intrigante e suspeito ainda. Porque razão o «Reporter X» não investiga o mistério do túnel do Rossio? O que lhe garante, porque sei, é que se pode entrar e sair do túnel, sem ser por qualquer das suas embocaduras do Rossio ou de Campolide; e que essas casas têm ligação com êle. Seu aff.

XXX.»



A embocadura do túnel, do lado do Rossio

Esta carta é inegavelmente interessante, mas incompleta. Esperemos que nos forneçam novos elementos de investigação para radiografarmos o mistério que ela nos desflecha.

Interessa a todos

HÁ SÓ uma casa dêste género em Lisboa. Compra e vende propriedades; coloca capitais; vende prédios para todos os preços, desde os mais modestos aos mais luxuosos; empresta dinheiro sobre hipotecas em condições extraordinárias e vende quintas ou terrenos para construção em condições excepcionais de pagamento.

Quere fazer qualquer dêstes negócios? Só tem uma casa em Lisboa onde os possa fazer com absoluta confiança, a única que trata de todos os assuntos que interessam à compra, venda ou transmissão, por qualquer modo, de propriedades, tratando de assuntos que às propriedades se referem, pois quando a propriedade está onerada com fôros, hipotecas e penhores, etc. é a casa que melhor trata da sua remissão e cancelamento, ficando garantido para sempre o sossego dos clientes, a quem aquela casa fica ligada por indissolúveis laços morais, com responsabilidades que nunca engeitou.

O nome da casa em questão é desnecessário

Uma linda casa de flores que merece a visita de pessoas de bom gosto

FOI Há dias inaugurada uma interessante exposição que, enquanto esteve aberta, foi um autêntico êxito. Referimo-nos à exposição de crisântemos que esteve patente na *Lisboa Jardim*, o magnífico estabelecimento de que é proprietário o sr. Augusto Baptista, da Rua da Emenda, que se mostrou, além dum profissional competente, um artista do mais fino gosto na arte difícil de lidar com flores.

Aconselhamos aos nossos leitores uma visita ao seu estabelecimento, o que será sempre, estamos certos, dum grande prazer espiritual e de grande utilidade económica, devido à modicidade de preços com que vende as suas lindas flores.

dizer. Todos sabem que se trata da Casa Mendonça, Ltd., com sede no Rossio, 74, 1.º, conhecida em todo o país — repetimos — pelo interesse que toma pelos assuntos que lhe são entregues e pela honestidade com que trata os seus negócios.

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

téria viva das realidades as suas maluquices teóricas, e estes, como o desditoso Cavaleiro de Oliveira, são espantados, espeznhados, expulsos, perseguidos, executados.

Publicamos hoje, nas páginas centrais, inaugurando uma galeria de «Figuras de alto relêvo», uma estreita e vertiginosa biografia comentada dêsse extraordinário escritor, jornalista e panfletário português. Mas como não havia espaço para tecer, em redor do tipo humano, a justa crítica à sua obra, aproveitamo-la para estas colunas, como assunto de eterna oportunidade, porque os malucos serão eternamente os mártires da Luz, do Progresso, da Razão, contra os sacerdotes das trevas, os amantes do comodismo, os irracionais do lugar-comum...

* * *

Qual foi o crime dêsse admirável maluco? Porque motivo, tendo saído de Portugal, na juventude, morreu, aos 80 anos, em Londres, sem ousar, nêsse interregno, mitigar as saudades da pátria, a nostalgia da família e dos amigos, visto que o ameaçavam as mais cruéis torturas que o ódio da Inquisição podia inventar? Porque motivo as suas obras foram postas no index, arrancadas dos livreiros, queimados e castigados os que as lessem? Porque Cavaleiro de Oliveira, em pleno século XVIII, publicou, em francês (em português era inútil), uma espécie de jornal mensal onde revelava um pensamento tão avançado, uma maluquice tão evidente, que ainda hoje, no século XX, pareceria demasiado ousado aos... homens de juízo; porque, em suma, se revoltou, se indignou contra todas as injustiças e crueldades, desmascarou—grande maluco!—todas as infâmias secretas do Santo Ofício. Os inquisidores, não podendo enclavinar as suas garras na carne do sacrilego maluco, visto que este estava fora do seu alcance, queimaram-no em estátua, reduziram-no a cinzas... Quando o Cavaleiro de Oliveira soube o dia exacto em que fôra «queimado», em auto de fé, em Lisboa, confessou aos seus amigos: «Tem graça! Nêsse dia e à mesma hora em que «eu ardia» em Lisboa, estava tiritando de frio, em Londres, por não ter dinheiro para lenha!...»

Malucos, meus irmãos: quanto dariam os homens de juízo para terem o talento e a generosidade de um Cavaleiro de Oliveira?

REPORTER X

Aventuras dum artista português no estrangeiro

(Continuação da pag. 7)

do, precisa ser encorajado? Quere um auxílio? Quere?!...

— Sim. O senhor tem que ser auxiliado. O maior tenor da Europa, o mais distinto comendador (em Itália todos os cantores são comendadores) tem direito ao nosso auxílio...

E perante o pasmo de Alves da Silva, que nada tinha podido opôr àquela torrente de palavras, tira da algibeira uma tabela de preços... de aplausos. Palmas frouxas, 20 liras; palmas em conjunto, 50 liras, e por aí fóra até a altura dos aplausos delirantes que custavam só... 1.000 liras.

E de prever, e isto não o disse o ilustre artista, que triunfou mesmo sem ser encorajado...

Mais casos, muitos mais, dêsse género podiamos contar e tem-nos contado Alves da Silva, que incessantemente vai desfolhando o livro das suas memórias, ainda por escrever.

COMO UM ACTOR SE LIVRA DE APLAUSOS

Uma vez, em Milão, o nosso entrevistado assistia a um espectáculo... como espectador. De repente o tenor Melri sente-se doente e teima que não pode trabalhar mais. Recorre-se à opinião insofismável dum médico, que se mostra de acôrdo com o artista. De facto não podia trabalhar. Mas o teatro está cheio, assistem as autoridades e o corpo consular, por ser recita de gala pelo centenário de Garibaldi.

No meio da natural atrapalhação do empresário aparece um artista de inferior categoria, daqueles que em Portugal se chamam *artistas de pano de fundo*, que se propõe substituir o artista doente. Que fazer? Entre dois *fascos*, o empresário escolhe o menor, que é a continuação do espectáculo, e assim sucede. O primeiro acto passa, o segundo, nem mal nem bem, também passa, mas no terceiro acto o artista tem que dar um dó de peito. Só a ideia do facto faz tremer empresário e artistas, faz fugir todos os que conhecem a força do tenor, fá-lo tremer de medo a ele próprio.

Mas tem uma ideia salvadora: vai acompanhando a música, e quando tem que dar o dó de peito grita a plenos pulmões: Viva Garibaldi!...

Aplaudo o público, aplaudem os artistas, que perdem a compostura, e a situação ficou salva.

EM ITÁLIA POUCOS CANTORES SABEM ESCREVER

O maior contingente de artistas líricos italianos é fornecido pelas mais modestas profissões, principalmente pela profissão dos criados de mesa. Por isso se diz, e com muita razão, que dos cantores italianos poucos são, muito raros mesmo, aqueles que sabem escrever.

Contado este pormenor, que convém fixar para compreender o desenrolar dos acontecimentos — diz Alves da Silva —, é oportuno dizer também que em Itália é hábito dos artistas líricos oferecerem aos maestros, por subscrição entre eles, qualquer prenda quando termina a temporada.

O nosso compatriota trabalhava então no *Scala*, de Milão, e na última noite da série de espectáculos a que o contrato se referia, foi, como de costume, feita entre os artistas a «quête» para obter a importância necessária para comprar a prenda da praxe. Depois de uns darem 20 liras, outros 30, outros 100 e outros 500 liras, Alves da Silva, que andava colhendo os donativos, chega-se à primeira figura, e apresenta-lhe a folha onde os artistas assinavam e punham adiante a importância com que subscreviam.

Resposta do artista, figura muito conhecida em

Lisboa, onde já tem trabalhado, e de certo o artista lírico de maior categoria da sua classe que pisa palcos:

— Ponha aí mil liras...

Resposta de Alves da Silva:

— Escreva...

— Já disse! Ponha aí... Tem medo que me negue ao pagamento?...

— Vários artistas faziam sinais a Alves da Silva para que não teimasse mais, mas ele, como não compreendia e achava graça à situação, continuava insistentemente:

— Escreva...

Até que explicaram a questão. O genial artista, talento de cantor incomparável, não sabia escrever...

São assim quasi todos os artistas líricos, os *comendadores*, como lá lhes chamam, incultos como qualquer vulgar e mais inculto dos nossos caixeiros de aldeia...

O ESBÔÇO PARA UMA ENTREVISTA

O que acima fica escrito, foi dito já, não é uma entrevista. O tenor Alves da Silva evita falar de si e prefere antes que os factos e os críticos digam o que os outros artistas costumam dizer dêsse próprios. Mas a vida do artista português no estrangeiro, com a sua boémia, com a sua miséria roçando por noites de glória, o fasto emparceirando com a indigência, essa cavalgada do sonho, é um interessante capítulo de novela, que merece ser escrito.

Prometeu-nos Alves da Silva elementos para escrever essas páginas de emoção e que nos dará então uma entrevista que não seja como esta, produto da indiscreção do jornalista que transformou em entrevista uma conversa que se não destinava à publicidade.

COSTA JÚNIOR

Dramas negros da Europa

(Continuação da pag. 10)

Um outro companheiro de *tertulia* tomou a palavra:

— Tu referes-te aos escravos negros de Portugal... Vejamos se eles são mais felizes nos outros países da Europa. Em Inglaterra existiu até há pouco tempo um verdadeiro negócio de carne negra; uma *empresa* que importava moleques e que os vendia como se fossem animais de carga... E sabes tu quem eram os realizadores dêsse negócio? Dois negros... Felizmente a policia descobriu o segredo da sua riqueza e meteu-os na penitenciária...

Chacov descreve-nos o martírio dos pequenos escravos brancos... Quem nos contará o dos pequenos negros da Europa?

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sorles grandes!!

O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração na Rua do Alecrim entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

Rápido! Irrefutável! Decisivo!

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de Combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco tiros**, estão habilitados aos seguintes prémios:

1.º PRÉMIO:

500 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes, que assistirão todos ao sorteio, a que presidirá um júri idóneo. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio **receberão 50 escudos cada**, como prémio de compensação.

2.º PRÉMIO

200 escudos

É entregue ao concorrente que **malor número de tiros acertar e mais unidades afundar a seguir ao primeiro premiado**. No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem uma **compensação de 20 escudos**, cada um.

3.º PRÉMIO

100 escudos

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade**. Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem bafejados pela sorte.

4.º PRÉMIO

100 escudos

Caberá ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades**. Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação **de 10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

5.º E 6.º PRÉMIOS

50 escudos, cada

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades**. Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciamos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

Importante:

Serão eliminados todos os concorrentes que **não cumpram as indicações** publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de Combate» que o *Reporter X* publica todas as semanas. **Só serve a Folha do «Reporter X»;**

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de Combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, e do seu **retrato** que, no caso do premiado não o possuir, o *Reporter X* se encarregará de tirar.

Bata-se connosco!

BREVEMENTE, SURPRESAS SENSACIONAIS!

**Folha do terceiro combate
CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS**

**Batalha naval do REPORTER X
4.000 escudos de prémios! 4.000 escudos!**

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Não perca tempo! Bata-se connosco!

Nome do concorrente

Morada

Número

Localidade